

Sebenta de apoio à Unidade Curricular de Investigação II
Conteúdo Programático P3 – Investigação Qualitativa

Sílvia Silva

Maria dos Anjos Dixe

Leiria, setembro 2020

Sumário

	Pág.
PREÂMBULO	
1. A INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA: DEFINIÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS (A LÓGICA INDUTIVA)	3
2. PRINCIPAIS TIPOS DE ESTUDOS QUALITATIVOS	9
2.1. Fenomenologia	9
2.2. Etnografia	10
2.3. Teoria fundamentada (Grounded Theory)	10
2.4. Investigação histórica	11
2.5. Investigação Ação (investigação colaborativa)	11
3. OS DADOS NA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA:	12
4. A AVALIAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA: CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO	18
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

PREÂMBULO

Este documento tem fins pedagógicos e pretende complementar as aulas teóricas e teórico-práticas do conteúdo programático de *Investigação Qualitativa* da Unidade Curricular de Investigação II.

Pretende apoiar os estudantes no processo introdutório à metodologia qualitativa abordando, sinteticamente, os aspetos mais importantes para quem vai iniciar a investigação nesta metodologia, nomeadamente: no primeiro capítulo define-se o que é a investigação qualitativa e as suas principais características, o fundamento desta investigação com a lógica indutiva; no segundo capítulo, abordam-se os principais tipos de investigação qualitativa e as suas características; no terceiro capítulo abordam-se os dados de investigação qualitativa, a forma de tratamento e análise dos dados e, finalmente, no quarto capítulo aborda-se qualidade dos estudos e a forma de verificação dessa qualidade.

O documento pretende ser um resumo que deverá ser complementado com a consulta da bibliografia recomendada.

Esperando que seja um documento de apoio e orientação para os estudantes, incentivando a uma metodologia que, numa primeira abordagem à investigação, é muitas vezes preterida em relação à investigação quantitativa.

1. INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA: DEFINIÇÃO E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS (A LÓGICA INDUTIVA)

Quando o iniciado em investigação, pensa e inicia o processo de construção do pensamento em investigação, é natural que se prenda à possibilidade de encontrar uma verdade para determinado problema, uma solução que vá ao encontro daquilo que ele reconhece como real, como sendo “o facto”. Procura naturalmente a **investigação quantitativa**, assente no *paradigma positivista* que tenta encontrar uma verdade absoluta (Fortin, 2009). Fundamenta-se na descrição numérica dos acontecimentos, aceitando que os factos podem ser objetivamente descritos numericamente, e sustenta-se na exatidão dos resultados.

Para um investigador mais experiente é natural que esta realidade que se procura seja confrontada com o “contexto”, com a forma como cada um vive essa experiência, a individualidade do acontecimento/fenómeno e a forma como é vivido e sentido por cada um. Torna-se relevante não só caracterizar o fenómeno, mas também compreendê-lo. Estamos assim perante um *paradigma naturalista* (ou interpretativo), próprio da **investigação qualitativa** (Fortin, 2009). Conhecer um fenómeno só faz sentido se este for contextualizado (historicamente, culturalmente), sendo único e sujeito à interpretação subjetiva do(s) indivíduo(s) que o experienciam (podendo existir “várias realidades”). Interessa assim aprofundar um fenómeno, conhecê-lo até à exaustão, derivando daí novo conhecimento e novas teorias.

Assim, o **objetivo principal da metodologia qualitativa** é descrever um problema que ainda não é amplamente conhecido e caracteriza-lo, ou seja, explorar um conceito que leva à descrição de uma experiência ou atribui significado a essa experiência. Foca-se no “o quê”, “como” e “porquê” (Fortin, 2009; Gerrish & Lathlean, 2016).

Não há manipulação do fenómeno a ser estudado.
--

Ambas as metodologias podem ser utilizadas simultaneamente, acrescentando a uma as vantagens da outra e vice-versa.

A pesquisa qualitativa pode complementar a pesquisa quantitativa, podendo explicar, por exemplo, padrões de comportamento ou acontecimentos que parecem “irracionais”, “inexplicáveis” ou obscuros, sob uma perspetiva biomédica.

São exemplos de tópicos mais propícios a serem investigados recorrendo a metodologias qualitativas: escolha de estratégias mais adequadas de educação para a saúde num determinado contexto, adesão a um estilo de vida saudável, experiência de estar internado ou de sofrer um determinado processo de doença, sentido da esperança durante o tratamento oncológico, gestão do quotidiano no confronto com a doença, ou alterações na dinâmica familiar, social ou laboral (Apóstolo, 2017).

A escolha do método (quantitativo ou qualitativo) dependerá do fenómeno que se pretende estudar e, dentro do método qualitativo, a forma de abordagem (tipo de investigação qualitativa) dependerá também da abordagem que se pretende (Flick, 2005; Streuber & Carpenter 2011).

Um dos aspetos mais interessantes e que melhor caracteriza a investigação qualitativa, é a sua **progressão de forma circular** (Gerrish & Lathlean, 2016). Da mesma maneira que a investigação quantitativa, a qualitativa passa por fases, mas estas podem ser refeitas/reformuladas sempre que isso se torne necessário para a investigação. Como por exemplo, acrescentar métodos de recolha de dados aos definidos inicialmente se, ao explorar o fenómeno, o investigador perceber que pode beneficiar a caracterização do conteúdo e o fenómeno que se quer estudar.

Assim, numa primeira fase, o investigador deverá partir sempre da **(1) definição do problema** de investigação, tendo a preocupação de o descrever de forma interessante para quem lê, criando interesse pelo assunto.

Desta descrição, naturalmente emerge uma **(2) Questão de investigação geral**, que deverá direcionar claramente o tipo de estudo qualitativo que se irá desenvolver.

Partindo da Questão geral, o investigador formula o seu **objetivo (3)**, aquilo que pretende conseguir responder com esta investigação, seguindo depois para a definição de “como” pretende atingir esses objetivos, como pretende conseguir responder às suas questões, planificando a sua investigação e definindo a **(4) metodologia** a utilizar. Dentro da metodologia, o investigador terá a preocupação em definir o local/contexto onde decorrerá a recolha de dados (campo), a seleção dos participantes e a forma de seleção (amostra intencional, em que não é determinado o número de indivíduos necessários à partida, terá de se realizar até saturar os dados) forma de recolha de dados (que pode recorrer a várias estratégias como entrevista, narrativas escritas, observação e notas de campo...). Poderá nesta fase colocar a possibilidade de como irá tratar os dados e analisar os dados, mas sabendo que da recolha de dados poderá emergir outra necessidade. Segue então para a implementação do que projetou, partindo para a **(5) recolha de dados, (6) tratamento dos dados, (7) análise dos dados**, sabendo que estas fases podem sobrepor-se, confundir-se e muitas vezes levantam **(8) novas questões de investigação**, às quais o investigador sente necessidade de dar resposta, podendo ter de reformular o seu projeto e a metodologia. Da mesma forma a própria **revisão da literatura** é realizada de forma contínua, com especial incidência no início ou no fim, consoante o tipo de estudo qualitativo que o investigador enverede (como explicaremos quando apresentarmos os tipos de estudos).

Quando é que eu utilizo a investigação qualitativa?

Quando existem poucos ou nenhuns conhecimentos sobre determinado assunto, ou quando o investigador parte do pressuposto que os conhecimentos que existem à data não são corretos, ou quando entende que as teorias são equívocas.

Características da investigação qualitativa

(Gerrish & Lathlean, 2016; Flick, 2005; Streuber. & Carpenter, 2011)

1. O investigador é o principal responsável pela recolha de dados.
2. A fonte da recolha de dados é o ambiente natural (estudo naturalista).
3. O investigador passa a fazer parte do estudo (**participação ativa**), pois está no ambiente onde ela decorre, beneficiando a compreensão do fenómeno. Deve estar no espaço tempo suficiente para permitir embrenhar-se na investigação, sofrer a ação deste em si próprio, favorecendo a interpretação dos dados.

Uma vez que o foco de atenção é o contexto onde se encontram as pessoas que são o foco de estudo, e uma vez que este contexto é que cria a sua forma de viver, modela o seu comportamento e vão naturalmente “justificar” o seu comportamento, interessa que este meio seja explorado pelo próprio investigador. Este desloca-se ao local e observa as pessoas no seu meio.

Não é um enviesamento, ao contrário do que acontece com os estudos quantitativos.

4. Os dados recolhidos são essencialmente descritivos, sempre interativos e humanistas (envolve-se e envolve as pessoas). São essencialmente transcrições de entrevistas, anotações de campo, fotografias, produções pessoais, depoimentos ...outros. Podendo recorrer a várias técnicas para esta recolha de dados, e acrescentar, mudar e retirar métodos à medida que vai colhendo os dados.

Recorre a métodos como entrevista, observação, grupo focal (focus group)... baseando os registos em narrativas, histórias de vida, documentos históricos, entrevistas, observações, fotografias, textos visuais....

Na apresentação de dados é utilizado muitas vezes pequenas transcrições ou citações desses dados, enfatizando uma situação.

5. As amostras são de pequena dimensão (6 a 10) (em comparação com a investigação quantitativa), muitas vezes intencionais (não aleatórias), ou seja, o investigador procura pessoas que estão sujeitas a determinado fenómeno... são estas que interessa pesquisar, conhecer, interpretar e saber como vêm determinado fenómeno. Podem utilizar-se várias técnicas de amostragem na mesma investigação.

Tipo de amostras possíveis:
Amostra acidental
Amostra por escolha racional
Amostra por “bola de neve”.

O tamanho dependerá se atingimos os objetivos ou não (saturação de dados)

6. A análise dos dados é muito diferente da investigação quantitativa, aqui pretende-se interpretar e descrever de *forma indutiva*, retirando conclusões que são mais amplas/alargadas do que os dados retirados de cada uma das partes. Não há a preocupação em *arranjar* dados ou evidência para provar ou rejeitar hipóteses.

A lógica dedutiva: aplicação de princípios gerais a casos particulares (explicação de fatos particulares a partir de conhecimentos gerais).

EX: “Todos os homens são mortais; Sócrates é homem; portanto, Sócrates é mortal”

A lógica indutiva: método mental a partir do qual, partindo de dados particulares, largamente constatados, se infere uma conclusão geral e universal, não contida nas partes examinadas. (Relações de Causa e Efeito)

O objetivo é apresentar resultados (conclusões) cujo conteúdo é mais amplo do que as premissas nas quais se basearam.

EX: Pode-se começar notando que Sócrates é mortal; depois, que diversos outros homens (todos aqueles observados) também são. Daí, arrisca-se a conclusão de que “todos os homens são mortais”.

7. Na análise dos dados o investigador é envolvido, referindo e refletindo igualmente sobre o seu papel na investigação e, naturalmente, nos seus resultados. Reconhece possíveis enviesamentos, valores e interesses pessoais que marcam a investigação, não conseguindo separar a *persona do investigador*.
8. À medida que os dados são colhidos é que se vai construindo a investigação e os seus resultados/conclusões. Não se conhece à priori a possibilidade de um resultado, pelo que tudo é novidade.
9. Na investigação qualitativa há mais preocupação com o processo do que simplesmente com os resultados.
10. Na investigação qualitativa os fenómenos são vistos holisticamente, assim, a interpretação dos dados são também gerais e dão-nos visões panorâmicas em vez de micro análises... estuda-se o *particular* e projeta-se para o *geral*.....

As fases do processo de investigação qualitativo sobrepõem-se, conjugam-se. O investigador tem muitas vezes necessidade de recolher dados, ao mesmo tempo que interpreta, voltando a realizar recolha de dados, complementando com outros métodos de recolha, procurando a caracterização e explicação de determinado fenómeno exhaustivamente.



O processo de investigação é construído à medida que a investigação se realiza em vez de ser pré-estabelecida.



Em consequência, as questões de investigação podem mudar e ser redefinidas durante o processo.

Principais críticas (Gerrish & Lathlean, 2016; Flick, 2005; Streuber & Carpenter, 2011)

- a) A resistência por parte dos fundamentalistas, referindo que é tendenciosa (pois depende da interpretação dos dados por parte do investigador...)
- b) A terminologia que esta envolve, ainda pouco dominada
- c) Ainda poucas publicações (comparativamente à investigação quantitativa), sendo evidente a resistência das revistas em publicar
- d) Relativamente à generalização dos dados, que parece ser mais limitada

2. PRINCIPAIS TIPOS DE ESTUDOS QUALITATIVOS

Relativamente aos tipos de estudos qualitativos, os objetivos são semelhantes, se não mesmo iguais, mas a forma de abordagem poderá ser diferir na forma como é escrita, na precisão dos objetivos, dos métodos de recolha de dados e de análise dos dados.

A decisão sobre o tipo de estudo a escolher dependerá da formulação da questão de investigação e logo do objetivo que se pretende.

Descrevem-se sumariamente os 3 principais tipos de estudos (Fortin, 2009), apresentando mais 2 sumariamente.

2.1. Fenomenologia (Gerrish & Lathlean, 2016; Fortin, 2009)

- É uma filosofia e um método de investigação: filosoficamente: a pessoa é o que é, dependendo do seu contexto, não devendo ser entendida fora dele
- Parte da questão de investigação: *O que significa para si viver esta experiência?*
- Abordagem indutiva
- Objetivo: estudo de determinadas experiências tais como são vividas pelas pessoas
- Recolha de dados: entrevistas ou observações não estruturadas

Estuda a significação de experiências particulares tais como elas são vividas pelas pessoas.

(relato em detalhe de uma experiência vivida, do ponto de vista de quem a viveu)

Descrever e compreender uma experiência pessoal

Características dos estudos:

A revisão da literatura pode ser colocada no início com o intuito de “introduzir” a temática, mas também desenvolvida no final.

A amostragem é sempre intencional (selecionar s indivíduos que experienciam o fenómeno).

Recorre muito à entrevista, permitindo às pessoas descreverem e “falarem” sobre a sua experiência.

2.2. **Etnografia** (Gerrish & Lathlean, 2016; Fortin, 2009)

- Abordagem sistemática
- Observar, descrever e analisar no terreno a vida de uma cultura ou subcultura, as suas crenças, tradições, intervenientes....
- Estreitamente ligada à antropologia
- Define normas e ideias de um grupo determinado
- Recolha de dados: observações, observações participantes, entrevistas...
- O grupo manifesta-se sobre a interpretação que é dada aos dados recolhidos

Compreender as regras ou normas culturais a que obedecem práticas ou costumes particulares.

Descrever uma subcultura e obter a informação sobre o seu tema

Características dos estudos:

Normalmente a revisão da literatura coloca-se no início do estudo.

A perspetiva teórica é enunciada no início e ela determina a progressão do estudo.

Amostragem intencional.

2.3. **Teoria fundamentada (Grounded Theory)** (Gerrish & Lathlean, 2016; Fortin, 2009)

- Abordagem sistemática
- Objetivo: Descrever problemas presentes em contextos sociais definidos – bem como a forma das pessoas os ultrapassarem- o objetivo major é chegar a uma teoria explicativa dos fenómenos sociais
- A teoria que daí emerge, está baseada na observação e compreensão de determinado fenómeno social e toma forma na etapa da recolha e análise dos dados
- Recolha de dados: entrevistas + observações participantes + não participantes, registos (transcritos integralmente, codificados e classificados)

Explicar as origens, as consequências, ou evolução de um determinado fenómeno.

Descobrir e elaborar uma teoria que “justifique” esse fenómeno.

Características dos estudos:

A revisão da literatura coloca-se no fim, a fim de comparar os resultados.

A teoria resultante é enunciada no final do estudo.

A amostra é intencional.

2.4. Investigação histórica (Flick, 2005; Streuber & Carpenter, 2011)

É uma forma de estudar o passado, colhendo dados e interpretando resultados, que estão plasmados nos registos, sendo estes analisados à luz das questões que impulsionaram a investigação. Os investigadores procuram muitas vezes uma explicação para os fenómenos atuais no passado. Procurar o background para ajudar a compreender o comportamento humano atual.

Pode recorrer-se a materiais publicados, diários, registos pessoais, entrevistas já gravadas, arte....

2.5. Investigação Ação (investigação colaborativa) (Flick, 2005; Streuber & Carpenter, 2011)

Planeamento de intervenções envolvendo os visados na decisão sobre as intervenções a realizar. O verdadeiro objetivo é criar sinergias e alterações na comunidade em que se realiza.

Trabalhar com os “clientes” percebendo o que realmente é importante nas suas vidas. O objetivo é resolver “problemas reais no mundo” e que vão encontro dos envolvidos.

Permite várias abordagens de triangulação, mas tem sempre em conta a sua estreita ligação ao contexto, o compromisso com os envolvidos, e a limitação dos resultados, que só se fazem sentir localmente.

3. OS DADOS NA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA

Instrumentos e técnicas de recolha de dados

O interesse do investigador na investigação qualitativa são as palavras e não os números, como na investigação quantitativa.

Assim, há **técnicas**¹ de recolha de dados que mais facilmente se aplicam a este tipo de metodologias, que outras técnicas já exploradas na investigação quantitativa.

Já no que refere aos **instrumentos**², eles podem ser partilhados, podem ser utilizados vários, juntamente com várias técnicas, que dependerão sempre do tipo de estudo.

Apresenta-se um quadro com alguns exemplos de técnicas e instrumentos, consoante o método, que poderá ilustrar melhor, sendo que as cruzes tentam demonstrar a intensidade e pertinência da sua utilização nesse método.

	Métodos qualitativos	Método quantitativo
Técnicas		
Painel Delphi	XXXXX	X
Análise Documental	XXXXX	XXX
Observações	XXXXX	X
Grupo Focal	XXXXX	X
Inquérito por entrevista	XXXXX	X
Inquérito por questionário	X	XXXXX
Portefólios	XX	XXXX
Photovoice	XX	XX
Instrumentos		
Análise de conteúdo	XXXX	XXX
Análise estatística		XXXXX
Checklist		XXXXX
Diário do investigador	XXXXX	
Questionário	X	XXXXX
Guião de entrevista	XXXXX	

Legenda: XXXXX – muito indicada a sua utilização; X – pouco indicada a sua utilização

(Baseado em Gerrish & Lathlean, 2016; Flick, 2005; Fortin, 2009; Streuber & Carpenter, 2011)

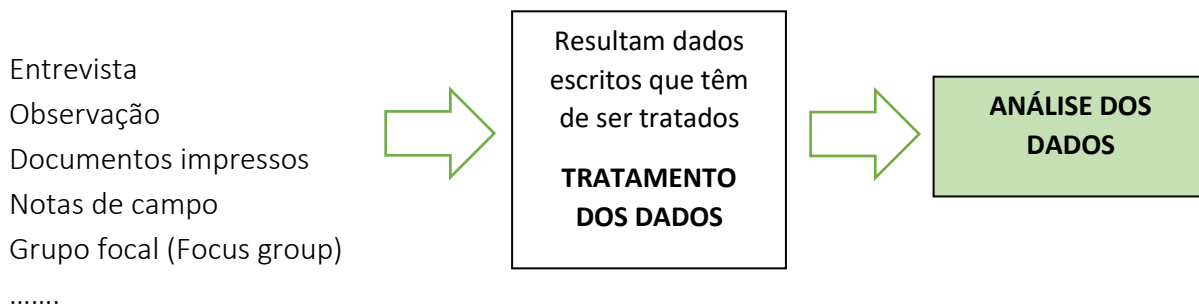
A escolha das técnicas e métodos a utilizar, dependerá em primeiro lugar, sempre das questões de investigação que determinarão o método e logo o encaminhamento da investigação, e em segundo lugar, dos dados disponíveis, dos recursos técnicos e

¹ À técnica referimo-nos ao conjunto de instrumentos para recolher os dados.

² Ao instrumento, referimo-nos ao “documento”, ao que é “físico” e que suporta a recolha dos dados

financeiros do investigador/investigação, do tempo disponível, e dos conhecimentos do investigador.

Assim, da aplicação técnicas recorrendo a vários instrumentos..... surge....



Tratamento dos dados

Previamente à análise dos dados há necessidade de fazer o tratamento dos mesmos, e esta pode ser feita recorrendo a programas informáticos. Existem no mercado mais de 40, destacamos os mais utilizados em Portugal (Reis, L., Costa, A. & Souza, F. (2016):

webQDA (<https://www.webqda.net/o-webqda/>)- PT da Universidade de Aveiro ³ (Registo gratuito durante 15 dias - <https://www.webqda.net/licencas/>)

Nvivo (<https://www.gades-solutions.com/project/nvivo/>)

Dedoose (<https://www.dedoose.com/>)

ATLAS-ti (<https://atlasti.com/pt-pt/>)

MAXQDA(https://www.maxqda.com/brasil/software-analise-qualitativa?gclid=Cj0KCQjws536BRDTARIsANeUZ582iezQibvmpgimII3AfWyMGao0EfdX3pTHCL2GItuSsev6nu4YKn8aAp0kEALw_wcB)

Utilização alargada
Potencialidades
Permitem trabalho colaborativo
O investigador seleciona livremente a sua abordagem metodológica e pode aplicar diferentes estratégias

Estas ferramentas devem servir apenas como apoio para um melhor registo, visualização, organização e sistematização dos dados, não colocando de parte o trabalho minucioso do investigador e a sua perceção do fenómeno e compreensão dos resultados,

³ Sobre este software e tendo interesse em conhecê-lo, recomendamos a leitura atendo do artigo: Features for the promotion of collaborative work in qualitative research:WebQDA software, Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305907641_Features_for_the_promotion_of_collaborative_work_in_qualitative_research_WebQDA_softwareao

atendendo a que este é uma peça chave do processo de investigação, como demais já fomos referindo e demonstrando ao longo deste documento.

Análise dos dados – a Análise de Conteúdo

A análise dos dados inicia-se assim que começa a recolha de dados, o investigador vai tratando e analisando os dados, revê os registos e as anotações, e “refaz” a recolha de dados (acrescentam perguntas, direcionam a observação....) - teoria cíclica.

Sobre estes dados recolhidos, sobre várias formas, há necessidade de analisá-los, interpreta-los, trata-los, e dar-lhes significado, podendo recorrer a várias técnicas, sendo uma das mais comumente utilizadas na investigação qualitativa a **análise de conteúdo** (Gerrish & Lathlean, 2016).

Para realizar análise de conteúdo, o investigador começa por **organizar a informação (1)** de que dispõe como resultado da recolha de dados, e/ou outra que também pesquisou.

Deve ler e **reler toda a informação (2)**, “estudá-la”, inteirar-se dos seus pormenores, sem ainda estar atento ao que procura.

Depois deve definir **categorias de dados (3)** com esses conteúdos já descritos, agrupando aquelas que são semelhantes, e que

O investigador deve dominar as técnicas, ser *verdadeiro* na análise dos dados, e descrever minuciosamente cada etapa de modo a dotar a investigação de rigor científico, permitindo que outros possam replicar a sua investigação, e chegar à mesmas conclusões

OU SEJA: se outro investigador seguir exatamente os mesmos passos ao analisar os mesmos documentos, deverá chegar aos mesmos resultados

significam o mesmo. Depois procura **temas (4)** que emergem das categorias de dados, nomeando-os.

A análise de conteúdo pode ter resultados quantitativos, onde é contada a frequência com que acontece determinada referência.

Há aqui dois aspetos a referir: primeiro o investigador deve esforçar-se por descrever detalhadamente os seus resultados, depois, deverá fazer o esforço para dar significado aos resultados (inferência), interpretando o que encontrou, recorrendo muitas vezes aqui à revisão bibliográfica já realizada ou em realização, ou mesmo recorrendo à análise de outros documentos (ANÁLISE DOCUMENTAL -a abordada à frente)

Vantagens (Gerrish & Lathlean, 2016):

Muito utilizada na análise de entrevistas e observações.

Tem a vantagem de não permitir a “intromissão” do investigador, apenas são analisados registos já realizados.

Não depende do tempo, o investigador pode realizar a recolha de dados e analisar os dados à posteriori com outra calma.

É normalmente simples e económica, e os dados ficam sempre disponíveis para outros investigadores.

Limitações (Gerrish & Lathlean, 2016):

A grande crítica realizada a esta técnica é o facto de se considerar, que as interpretações indicam ser uma causa de um fenómeno, mais do que uma reflexão sobre um assunto (ou seja, tentam encontrar justificações para a ocorrência do fenómeno e não a sua verdadeira interpretação).

Modalidades de análise de conteúdo (Gerrish & Lathlean, 2016):

a)Análise temática: percorrendo temas que estão ligados a determinado assunto, e que se encontra em determinada palavra, frase ou resumo dos dados recolhidos

b)Análise de discursos: foca-se no sentido de uma palavra, a expressão, ou uma preposição que pode não estar claramente, mas está implícita

c)Análise lexical: passa pela contagem de palavras para depois avançar a apreciação do tamanho do texto. Agrupam-se as palavras similares, retiram-se as pouco importantes, ficando no final apenas as palavras principais que conseguem representar o sentido do texto.

A técnica de Análise Documental

As técnicas de **análise documental** (Gerrish & Lathlean, 2016) têm tido cada vez mais interesse pela sua capacidade de integrar a redes colaborativas, é possível trabalhar muito mais informação com o contributo e conhecimento de muitos mais intervenientes (investigadores colaboradores, por exemplo, especialista da área da matemática nas ciências sociais).

Não é uma técnica exclusiva da análise qualitativa, mas muito mais adequado para esta, já que a análise de documentos de adequa aos temas como fenómenos sociais, demográficos e socioeconómicos, mudanças sociais e do desenvolvimento histórico, mudanças a nível organizacional e ideologias, sistemas de valores e da cultura....

Análise documental: processo de seleção, tratamento e interpretação da informação existente em documentos que podem ser escritos, áudio, vídeo..., com o objetivo de lhe dar algum sentido.

A preocupação é saber o que já foi “feito” sobre uma determinada área e não se repetir

Recorrendo, preferencialmente, a fontes primárias de informação, o objetivo é criar uma informação nova.

Estas fontes podem ser manuscritas, documentos oficiais, de um organismo...com texto, números ou imagem (fotos, mapas, pinturas...).

É importante verificar a origem dos documentos, começando logo aí o processo de credibilidade da investigação.

A utilização de fontes secundárias pouco credíveis pode enviesar os resultados

A Revisão da Literatura (Sistemática ou não) enquadra-se na Análise de Conteúdo.

A revisão da literatura tem as funções de:

- Conhecer os trabalhos existentes e disponíveis na área
- Conhecer os conteúdos, as questões cruciais, e as lacunas existentes no atual estado do conhecimento na área
- Promover uma visão sobre as bases e os rumos das investigações.

Assim, a análise documental, torna o trabalho do investigador facilitado na medida em que lhe dá ferramentas para compreender o fenómeno à luz daquilo que já foi feito ou então perceber o caminho que há necessidade de ainda percorrer.

A análise dos dados irá depender do tipo de estudo:

- **Estudo Fenomenológico** (Gerrish & Lathlean, 2016): a análise dos dados evidencia os enunciados mais significativos, destaca as unidades de sentido e a essência da experiência.

Pede-se aos participantes para descreverem verbalmente ou por escrito a sua experiência (registo em papel, gravadas, em vídeo...).

- Fases:
- a) Ler atentamente todas as descrições;
 - b) Isolar as frases que estejam diretamente ligadas ao fenómeno;
 - c) Extrair daí a significação subjacente;
 - d) Procurar os temas;
 - e) Apresentar a essência do fenómeno de forma exaustiva.

- **Estudo Etnográfico** (Gerrish & Lathlean, 2016): a análise e descrição incide na descrição do meio ou dos indivíduos na busca de temas.

A análise é realizada à medida que os dados são recolhidos, pelo que passa por várias etapas:

- a) Procura-se domínios, categorias e subcategorias;
- b) Estabelecer relação entre os diferentes elementos encontrados;
- c) Reformulam-se as questões estruturais com a intensão de obter mais informação;
- d) Obter mais informação.... Reiniciar o processo.

- **Teoria fundamentada** (Gerrish & Lathlean, 2016): a análise é feita em etapas sistemáticas começando por destacar as teorias conceptuais (que estão na conceção do fenómeno), avançando depois para estabelecer relações entre as categorias, formando um quadro teórico, culminando na definição e explicação de um discurso.

A recolha de dados e a análise são feitas em simultâneo.

Há recurso a entrevistas e observações junto dos sujeitos

- Fases:
- a) Registo das entrevistas (normalmente gravadas) e registo escrito das observações
 - b) Transcrição das entrevistas;
 - c) Elaboram-se as questões abertas das quais vão surgir os conceitos;
 - d) Os dados são divididos em partes e examinados com atenção, codificando-os;
 - e) Agrupam-se as codificações para constituir categorias.

4. A AVALIAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA: CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Tanto na investigação quantitativa como na qualitativa há necessidade de o investigador balizar a sua atividade e ser metodologicamente rigoroso.

Na investigação quantitativa os critérios mais utilizados são fidelidade e a validade, que pode ser *validade interna* (grau em que um estudo reflete ou avalia o conceito específico que o investigador está a tentar medir com precisão) e a *validade externa* (que os dados sejam generalizáveis).

Na investigação qualitativa, e uma vez que o investigador está envolvido no contexto onde decorre a investigação, é natural que haja uma preocupação não só com o paradigma e o objetivo da investigação, mas também haja uma preocupação com as crenças epistemológicas dos investigadores e a sua formação (área disciplinar à qual pertence) e a forma como estes aspeto podem influenciar a forma como este “vê” e analisa o fenómeno em estudo.

Há várias perspetivas sobre os critérios a aplicar na qualidade da investigação qualitativa e que têm sofrido alterações ao longo do tempo, à medida que a própria investigação qualitativa também vai evoluindo.

De qualquer forma, concordamos que devam existir critérios metodológicos diferentes dos da investigação quantitativa, e apresentamos aquela perspetiva que consideramos mais simples e que consegue tocar os aspetos importantes.

Segundo Guba e Lincoln (1985) citado em Coutinho (2015), na investigação qualitativa procura-se a **confiabilidade** (trustworthiness), através de 4 parâmetros: **credibilidade, transferabilidade, dependabilidade e confirmabilidade**.

Par os investigadores, a verificação da existência destes 4 elementos ajuda a determinar:

- a) para avaliar se o estudo tem qualidade para, por exemplo, submeter a uma revista para publicação (em que um grupo de peritos vai avaliar a publicação);
- b) Para que o próprio investigador possa perceber se está a ir no bom caminho, analisando os critérios à medida que vai desenvolvendo a investigação;
- c) Um ponto de referência para quem pretende avaliar qualquer investigação qualitativa.

Podendo recorrer ao processo de aplicação de uma checklist que permite, verificar da um dos elementos.

Elementos de verificação da confiabilidade

(Pinto, Campos & Siqueira, 2018; Gerrish & Lathlean, 2016)

- 1) **Credibilidade:** que a investigação seja credível – valor de verdade do processo de recolha e análise dos dados, de modo a garantir que as conclusões do investigador sejam fiéis ao fenómeno estudado e aos pontos de vista dos participantes, que os resultados sejam credíveis...
Exatidão da descrição do fenómeno vivido.

Corresponde à validade interna na investigação quantitativa

Garantir os dados:

- a) Revisão pelos participantes - verificar se os participantes reconhecem os dados como verdadeiros – O participante lê a investigação para verificar se se revêm nos resultados;
- b) Revisão pelos pares;
- c) Análise minuciosa das situações (casos) contraditórios (negativos);
- d) Reflexividade do investigador (capacidade de...)
- c) Recorrer à triangulação (explorada a seguir), de dados, do investigador, da metodologia...

- 2) **Transferibilidade:** a possibilidade de transferir os resultados para outras situações, mesmo até em outros meios, outras populações...

Corresponde à generalização na investigação quantitativa

Garantir os dados:

- a) Descrição exata do contexto, seleção da amostra, relação estabelecida, onde decorre o estudo – assim outro investigador pode avaliar em que medida os dados podem ser “transferidos” para outras realidades;
- b) A interpretação dos dados exaustiva, mais do que descrição, permitindo abrir a investigação a novas possibilidades (mais questões!);
- c) Tempo adequado para atingir os objetivos;
- d) preocupação em compreender a cultura dos participantes;
- e) Verificar possíveis distorções da informação;
- f) Criar empatia e confiança nos participantes.

3) **Dependabilidade:** capacidade de, fornecendo os mesmos dados a outro investigador, que as conclusões sejam as mesmas..., de modo a que possa ser replicado noutros contextos ou confirmado (auditado!) por outros investigadores.

Corresponde à fiabilidade na investigação quantitativa

Garantir os dados:

Todo o processo tem de estar minuciosamente descrito, permitindo a outra pessoa segui-lo fielmente.

4) **Confirmabilidade (Integridade):** quão seguros são os resultados? Assegurar que os resultados refletem a situação ou fenómeno em estudo e não as ideias e desvios do investigador.
Atinge-se a segurança quando a credibilidade está garantida! Procura-se a neutralidade, de maneira que dois investigadores diferentes, seguindo a mesma metodologia, chegassem a resultados semelhantes

Corresponde à objetividade na investigação quantitativa.

Garantir os dados:

a) Os dados devem ser apresentados de forma a que outros investigadores possam ajuizar sobre os procedimentos de análise dos dados pelo investigador e que levaram àquelas conclusões.

b) Criando protocolos de auditoria – revisão sistemática dos procedimentos por outros investigadores, verificando se as construções do investigador são “neutras”.

c) devolver o relatório da investigação aos participantes para que possam ajuizar sobre se refletem o fenómeno e não a percepção do investigador.

Técnica de triangulação, olhar para o fenómeno de diferentes perspetivas

A triangulação como processo necessário para melhorar a qualidade

A triangulação surge pela necessidade de melhorar a validade e credibilidade, partindo desde logo do princípio que há necessidade de compreender as diferentes dimensões do estudo e considera-las para analisá-lo.

Trata-se de uma abordagem multidimensional de recolha e análise dos dados, partindo do princípio que o fenómeno pode, e deve, ser analisado de várias formas e perspetivas.

Triangulação (Gerrish & Lathlean, 2016):

- a) triangulação das fontes de dados: quando utilizamos várias fontes de dados
- b) triangulação do investigador: vários investigadores a trabalharem em grupo
- c) triangulação da teoria: a teoria emergente é analisada por vários investigadores
- d) triangulação metodológica: recursos a várias metodologias.

Por outro lado, incentivar à diversidade de metodologias, pode levar à crítica de que “diferentes metodologias avaliam coisas diferentes” , pelo que os resultados seriam naturalmente outros.

Recomendações para avaliação da investigação qualitativa

Qualquer que sejam os critérios, não devem ser aplicados de forma rígida.

Há vários critérios e já há várias checklists que possibilitam a sua aplicação e auxiliam os “avaliadores”, nomeadamente (Moreira, 2018):

O COREQ checklist (consolidated criteria for reporting qualitative research) – foi desenvolvida para promover o desenvolvimento e avaliação dos estudos com entrevista e grupos focais.

O SRQR (Standards for reporting qualitative research: a synthesis of recommendations).

São listagens utilizadas internacionalmente. Com especificações muito concretas.

De forma mais simples, destacamos a proposta de Fortin (2009), que aponta 8 questões base que nos permitem perceber a qualidade do estudo:

- 1) O método qualitativo é o melhor para o estudo deste fenómeno?
- 2) O estudo é centrado nos aspetos subjetivos da experiência humana?
- 3) Os resultados revestem-se de uma significação precisa para a disciplina?

- 4) O investigador descreve claramente a forma como os participantes foram escolhidos?
- 5) O método de análise dos dados está em conformidade com o objetivo do estudo?
- 6) Pode-se distinguir o método qualitativo utilizado? Como?
- 7) O método de recolha e análise dos dados está explícito claramente?
- 8) A interpretação está de acordo com os dados colhidos?

De uma forma mais exaustiva, apresentamos a proposta de Coutinho (2015) com 26 questões no quadro abaixo, que devem ser aplicadas aos estudos e às quais o investigador deve responder, distribuídas pelos elementos de avaliação da confiabilidade.

Critério de confiabilidade	Questões a colocar
Credibilidade	1.A escolha dos métodos e critérios usados para a seleção dos participantes no estudo está bem justificada? a. Descreve-se de onde, quem, como e porquê se selecionaram os participantes? b. Os informantes e seus contextos estão convenientemente descritos? c. Refere-se se alguns participantes recusaram participar e porquê? d. Conseguiu-se a saturação da informação?
	2.A duração do estudo foi suficiente para obter as evidências que sustentem as construções do investigador/resultados do estudo?
	3.São referidas evidências a favor e contra os argumentos do investigador?
	4. Foram considerados os casos negativos, ou seja, foi feita uma pesquisa de casos que possam refutar as conclusões do estudo?
	5. Foram usados múltiplos métodos de recolha de dados para determinar a congruência dos resultados obtidos por diferentes vias (triangulação das fontes de dados)?
	6. Na interpretação dos dados foram consideradas múltiplas perspetivas teóricas que permitam corroborar e/ou criticar a teoria/conhecimento existentes (triangulação da teoria)?
	7. Os dados foram revistos por outro investigador por forma a verificar se são identificadas as mesmas categorias e confirmados os constructos do investigador?
	8. A posição/papel do investigador é claramente descrita?
	9. O investigador refletiu sobre o seu papel, possíveis desvios e influência
Transferibilidade	10.Foram criadas notas de campo abundantes durante a investigação?
	11. Foram usadas transcrições integrais de conversas/relatos quando apropriado?
	12. As evidências apresentadas no relatório são suficientes para satisfazer o leitor relativamente à relação entre os dados e as conclusões?
	13. Justificam, do ponto de vista teórico, os critérios de seleção dos participantes no estudo?
Dependabilidade	14. O método respeita as implicações de uma abordagem que considera as percepções dos intervenientes no estudo?
	15. No caso de terem sido consideradas categorias pré estabelecidas, estas foram suficientemente examinadas e discutidas de forma a encontrar possíveis ambiguidades e/ou inadequações ao estudo?
	16. As conclusões derivam/nascerem/ancoram-se nos dados?
	17. São discutidas as limitações dos métodos e das técnicas usadas?
	18. As descrições são separadas das interpretações?
	19. A fundamentação das categorias de análise contém descritores de baixo nível de inferência? Inclui verbalizações/evidências representativas das categorias e constructos?
	20. O investigador validou os resultados com os informantes (member checks)?
	21. O significado dos contributos foi discutido com os respondentes? 22. Anomalias e contradições foram analisadas com os participantes ou, pelo contrário, assumiram-se as nossas próprias conceções/ideias?
Confirmabilidade	23. O processo de recolha e registo de dados foi sistemático?
	24. Foram guardados cuidadosamente os registos dos dados?
	25. O método é descrito com detalhe suficiente para que outro investigador possa seguir/compreender as decisões tomadas pelo investigador?
	26. Há evidência disponível suficiente para um exame (auditoria) independente?

Fonte: Adaptado de Coutinho (2015)

Trabalho individual ou de grupo

Explore cada um dos artigos seguintes, a luz dos 8 critérios propostos por Fortin (2009) e os 26 critérios propostos por Coutinho (2015), e discuta-os em grande grupo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Principal (disponível online ou na biblioteca do IPL)

Apóstolo, J. (2017). Síntese da evidência no contexto da translação da ciência. [Pdf]. Escola Superior de Enfermagem de Coimbra (ESEnfC). Retrieved from <https://www.esenfc.pt/pt/download/3868/dXeLMhjdiCvHFwDpAvDd>

Fernandes, C., Ângelo, M., Martins, M. (2016). Conceptualizar os dados de um jogo para Cuidadores Familiares-recorrendo ao sumário etnográfico de um grupo focal. In Congresso Ibero Americano de Investigação Qualitativa, Vol. 2. Atas - Investigação Qualitativa em Saúde (pp. 109-114). ISBN:978-972-8914-59-2

Ferreira, M., Pereira, A., Martins, J. (2016). Cuidar da Pessoa com Doença Avançada na Comunidade: Estudo Fenomenológico. Revista de Enfermagem Referência, 8 (IV), páginas 45-53, Retrieved from <http://dx.doi.org/10.12707/RIV15029>

Flick, U. (2005) Métodos Qualitativos na Investigação Científica. Edição Monitor- projetos e edições, Lda. ISBN 972-9413-67-3

Reisinho, M. C., & Gomes, B. (2016). O adolescente com fibrose cística: Crescer na diferença. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental (Spe. 3), páginas 85-94. Retrieved from <http://dx.doi.org/10.19131/rpesm.0123>

Streuber, H. & Carpenter, D. (2011). Investigação qualitativa em Enfermagem - Avançando o Imperativo humanista. Lusididacta. ISBN: 978-989-8075-34-5. 5ª Edição

Complementar

Coutinho C. (2015) Avaliação da qualidade da investigação qualitativa: algumas considerações teóricas e recomendações práticas. In: Souza F., Souza D. & Costa A. (eds). Investigação Qualitativa – Inovação, Dilemas e Desafios (pp. 103-124). Aracaju, Sergipe: Editora Tiradentes.

Fortin, M., Côte, J. & Filion, F. (2009) Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação. ISBN: 978-989-8075-18-5. Lusodidacta

Gerrish, K. & Lathlean, J. (2016). The Research Process in Nursing. Wiley Blackwell. UK, ISBN: 978-1-118-52258-5

Moreira, H. (2018). Critérios e estratégias para garantir o rigor na pesquisa qualitativa. R. bras. Ens. Ci. Technol., 11 (1), páginas 405-424, doi 10.3895/rbect.v11n1.6977

Pinto, I., Campos & C., Siqueira, C. (2018). Investigação qualitativa: Perspetiva geral e importância para as ciências da nutrição. Acta Portuguesa de Nutrição, 14, páginas 30-34, doi <http://dx.doi.org/10.21011/apn.2018.1406>.

Reis, L., Costa, A. & Souza, F. (2016). Análise Comparativa de Pacotes de Software de Análise de Dados Qualitativos. In Rocha, Á., Reis L., Cota, M., Suárez, O. & Gonçalves R. (Eds.), Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação (pp. 998–1003). Gran Canária - Espanha: AISTI – Associação Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação. DOI: 10.1109/CISTI.2016.7521502